

Armamar: a nobreza da gestão autárquica

São sete anos de presidência de um município ao serviço do qual dedicou grande parte da sua vida. João Paulo Fonseca integra a nova geração de autarcas que alia visão estratégica à sensibilidade ímpar de quem bem conhece e sente umbilicalmente o território que gere. No primeiro mandato como edil do município de Armamar, limitado por uma lei de finanças locais que impedia investimentos de grande vulto, alcançou o mérito de equilibrar uma autarquia financeiramente debilitada, lançando bases para um trabalho com linhas bem definidas para o futuro. Conquistou a confiança da população local e prometeu colocar Armamar no mapa, atraindo investimentos sustentados na economia local e no turismo, potenciando a criação de emprego qualificado e elevando a oferta cultural num território classificado como património da humanidade... Em entrevista, o autarca revela como transformou ameaças em oportunidades.

Recordo que, no início do seu primeiro mandato enquanto autarca, elegia como desígnio colocar Armamar no mapa do país e conferir mais qualidade de vida à população local... considera ter cumprido esses objetivos?

Considero que fizemos muito trabalho nesse sentido... Quando me referia a colocar Armamar no mapa, pretendia promover o território a nível nacional e internacional, aproveitando a emergência do turismo no Douro, decorrente da sua classificação como património da humanidade e, havendo certamente muito a fazer, creio que muito foi alcançado. E houve por parte de todo o executivo municipal um grande esforço no sentido de captar uma série de investimentos nessa área para Armamar, o que felizmente conseguimos através de alguns grandes grupos ligados à hotelaria. Ainda recentemente foi inaugurada uma unidade Vila Galé em Armamar, a maior da região e temos vários projetos aprovados para novas unidades. Também fizemos o que nos competia ao nível da promoção do território, nomeadamente através da realização da nossa feira

da Maçã e, nesse sentido, sim, conseguimos conferir a Armamar muito mais visibilidade do que tinha no início do meu mandato.

Por outro lado, temos o desígnio do incremento da qualidade de vida, que não será alheio à criação de emprego por via desses projetos...

Sim, naturalmente, o setor do turismo emprega muita gente e, nesse sentido, estes investimentos também nos permitem olhar, quer para o presente, quer para o futuro, com algum otimismo porque permitem fixar e atrair população. Isso a par de outros investimentos: também iniciámos no concelho a fase de exploração experimental mineira e estamos esperançados que venha a ser concedida a licença de exploração definitiva, que permitirá atrair muita mão-de-obra qualificada para Armamar. E isso também significa incrementar a qualidade de vida, para além de alguns projetos municipais estruturantes. Lançámos recentemente uma obra emblemática do atual mandato, o pavilhão desportivo, a par da requalificação do edifício da Adega Cooperativa de Armamar, onde estará alocado o Museu da Mulher Duriense, que funcionará em rede com os demais museus do Douro e outros espaços culturais da região, e da requalificação urbana da vila de Armamar, que nos permite receber os nossos turistas com outra dignidade e dar qualidade de vida a quem habita no concelho. Em suma, estamos nesta fase de implementação das obras a que nos propusemos. Tivemos um primeiro mandato muito focado na estabilidade financeira do município, cujos objetivos conseguimos até superar e este é um mandato de concretização de algumas das nossas principais obras. Queremos certamente fazer mais e melhor e seguir esta linha orientadora de um município financeiramente equilibrado mas que investe.

Presumo que já se poderá fazer o jogo das diferenças entre o pré e o pós João Paulo Fonseca em Armamar...

Sim, creio que essas diferenças terão também muito a ver com as oportunidades. O meu antecessor, que

João Paulo Fonseca
Presidente da Câmara Municipal de Armamar

foi presidente de câmara durante 20 anos, fez e investiu muito neste concelho noutras vertentes, de acordo com as exigências da altura, nomeadamente no setor agrícola. Na minha gestão, e numa nova era, afiguram-se novos desafios, relacionados com a necessidade de termos um turismo pujante, uma oferta cultural como nunca tivemos, um apoio muito mais focado na educação, desde o pré escolar ao secundário... Diria que existem diferenças acentuadas mas, cada um, à época, fez o que considerava ser o melhor para o concelho, aproveitando as oportunidades de que dispunha. Foram duas boas épocas em vertentes bastante distintas.

O que falta fazer em Armamar?

Falta concluir um desígnio estruturante para o concelho que temos, o projeto de regadio para o Monte Raso, entregue à Direção Regional de Agricultura do Norte, entidade elegível para este tipo de investimentos. É um projeto que gostaríamos de ver concretizado porque acrescentará valor e riqueza ao território, permitindo duplicar a produção naquela área de pomar. Falta a variante de Fontelo na ligação à A24, uma obra incluída no plano das obras de proximidade das Infraestruturas de Portugal desde 2014 e que ainda não está concretizada e que também seria estruturante para Armamar. Temos ainda outras obras que constam do nosso programa eleitoral e que pretendemos



ainda concretizar, como o auditório dotado de uma capacidade e qualidade adequada à dinâmica cultural que se foi criando.

Sabemos que o autarca é, por definição, o político mais próximo da população... face ao panorama atual que assola a população, como é gerir, num território interior do país, tanta demanda ao nível da ação social?

Desde logo, tem sido uma relação ainda mais próxima com a população. Percebemos claramente o concelho em que vivemos, sabemos que grande parte das pessoas que habitam este tipo de concelhos são idosas e mais vulneráveis e, face a algumas ações que desenvolvemos no imediato, diria que essa proximidade se intensificou muito mais ainda. Criámos um gabinete específico para o covid, constituído por duas psicólogas, uma assistente social e um chefe de divisão de ação social que, todos os dias, monitorizavam os casos que nos preocupavam. Criámos uma série de instrumentos muito próximos e rápidos, desde serviços de entrega ao domicílio de bens de primeira necessidade, um sistema de alerta às populações que tem funcionado muito bem, e dedicámos uma especial atenção às

IPSS do concelho. Foi um trabalho em rede em que todas as entidades contribuíram, numa postura de proximidade e solicitude admirável, e que tem contribuído decisivamente, a par da preocupação e investimento da autarquia, para que tudo tenha vindo a correr bem. Nesta vertente, destacaria também a extraordinária colaboração da população, que percebeu e respeitou as orientações dadas pelo município, pelos centros de saúde, pela DGS, pelas IPSS e pelas juntas de freguesia.

Enquanto político eleito pela população, e num momento inédito, foi complicado para si a título pessoal gerir este contexto?

Sim, foi, desde logo face ao desconhecimento total do que era o covid-19 e as consequências que poderia ter em termos de saúde. Creio que todos nós nos sentimos um pouco em pânico na fase inicial, sem sabermos se teríamos ou não capacidade de resposta a nível local para fazer face a uma eventual situação de infeção alargada... depois, porque as regras do confinamento nos retiraram aquilo que aos autarcas nos melhor faz, que é o contacto com as pessoas, a proximidade... Chegar ao edifício da câmara nos primeiros 30 dias da pandemia e ter as portas fechadas, não ver nenhum munícipe, não poder abraçar ninguém... custou bastante! Enquanto autarca, foram momentos difíceis.

São já sete anos como autarca... Apesar do inegável desgaste, ainda resta motivação?

O desgaste é o natural de um autarca que vive os problemas da sua população e do seu território no dia-a-dia, hoje com muito mais competências do que há uns anos atrás, mas que também acorda todos os dias com a mesma motivação para vir servir o povo, para tomar as melhores decisões para o seu território e para continuar a lutar, empenhado. A mesma motivação que tive no primeiro dia continuo a ter hoje, com o desgaste natural da idade e de outros fatores mas continuo motivado para levar este mandato até ao final e, provavelmente, para continuar...



Armamar recebe o selo "Comunidades Pró-Envelhecimento 2020/2021"

A Câmara Municipal de Armamar viu hoje, 1 de outubro, ser-lhe atribuído o selo "Comunidades Pró envelhecimento 2020/2021". A notícia surge precisamente no dia em que se assinala o Dia Internacional do Idoso. O galardão está enquadrado no âmbito da Campanha Comunidades Pró-Envelhecimento, lançada pela Ordem dos Psicólogos Portugueses. Para a sua atribuição são avaliadas as políticas, programas e planos estratégicos implementados com o objetivo de garantir o envelhecimento saudável e bem-sucedido, numa sociedade que se quer coesa, equitativa, inclusiva, saudável e segura.